



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Entre a vitimização e a superação: os Jogos Paralímpicos Rio 2016 e a representação de paratletas na imprensa brasileira ¹

José Carlos Marques ²

zeca.marques@uol.com.br

Universidade Estadual Paulista (Unesp) ³

Brasil

RESUMO

Até o início do Século XX, uma pequena parcela de pessoas com deficiência era reeducada por meio do esporte. É somente com a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) e principalmente com a Segunda Guerra Mundial (1939–1945) que surgem as primeiras estruturas para a prática física de mutilados em combate. Coube ao neurologista alemão Ludwig Guttmann (1899–1980) o pioneirismo de iniciar um trabalho que, mais tarde, viria a originar os atuais Jogos Paralímpicos: por volta de 1945, ele passou a chefiar uma equipe médica no hospital de Stocke Mandeville, nas cercanias de Londres (Inglaterra), para cuidar dos feridos na coluna vertebral, especialmente aviadores da Real Força Aérea que se tornaram paraplégicos em combate.

Com a realização dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948, o Dr. Guttmann decidiu organizar paralelamente um evento esportivo para os pacientes com deficiência que usavam cadeiras de rodas. Três anos mais tarde, ele criou os “Jogos Internacionais de Stocke-Mandeville” e começou a divulgar em todo o mundo a necessidade da atividade esportiva para a reabilitação física

¹ Trabalho apresentado ao Grupo 22 – Sociología del Ocio y el Deporte, do XXXI Congreso ALAS 2017.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Estadual Paulista.

³ Este trabalho contou com o apoio financeiro da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

do paciente com deficiência. Os esforços do médico alemão foram premiados em 1960, com a organização em Roma dos primeiros Jogos Paralímpicos da história.

Diante da relevância adquirida pelo paralimpismo no novo milênio e dos desafios que a cobertura deste tipo de evento oferece aos meios de comunicação, este trabalho propõe-se a analisar como foi retratada, em três jornais diários brasileiros, a participação dos paratletas nacionais nos Jogos Paralímpicos de 2016. Deste modo, pretendemos aplicar conceitos da Análise do Discurso de linha francesa e da sociologia do esporte (por meio da contribuição de Norbert Elias e Pierre Bourdieu) à produção de dois dos principais jornais generalistas brasileiros (*Folha de S. Paulo* e *O Globo*), e à produção do maior jornal esportivo nacional (*Lance!*).

A pesquisa buscou investigar como estes veículos operaram os níveis de recorte e de reconstrução do fato esportivo, tendo em vista o desempenho de atletas nacionais com deficiência em meio à principal competição mundial de paratletas. Nossa intenção foi verificar as formações discursivas postas em marcha pelos jornais elencados em nosso corpus ao noticiarem as provas desportivas.

Partimos da hipótese de que uma das tendências dos veículos jornalísticos é a de perpetuar certos estigmas e estereótipos que envolvem a pessoa com deficiência – algo percebido em coberturas similares por ocasião das edições anteriores dos Jogos Paralímpicos. Essa visão provoca um pêndulo que oscila entre a representação do atleta ora como um herói, capaz de promover a superação e a celebração da humanidade, ora como um indivíduo a quem se olha com compaixão e estranheza, realçando-se a diferença com aquele esportista que não é deficiente.

Palavras-chave

Jogos Paralímpicos; atleta com deficiência; imprensa brasileira.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

Until the early 20th century, a small portion of people with disabilities were re-educated through sport. It is only with World War I (1914-1918) and especially with World War II (1939-1945) that the first structures for the physical practice of mutilated in combat arise. It was left to the German neurologist Ludwig Guttmann (1899-1980) to pioneer work that would later give birth to the current Paralympic Games: around 1945 he went on to lead a medical team at the Stoke Mandeville hospital on the outskirts of London, to take care of the wounded in the spine, especially airmen of the Royal Air Force that became paraplegic in combat.

With the London Olympics in 1948, Dr. Guttmann decided to organize a sports event in parallel for wheelchair-bound disabled patients. Three years later, he created the "Stoke-Mandeville International Games" and began to spread the need for sports activity for the physical rehabilitation of the disabled patient worldwide. The efforts of the German doctor were awarded in 1960, with the organization in Rome of the first Paralympic Games in history.

In view of the relevance of parallelism in the new millennium and the challenges that the media coverage of this type of event offers, this paper proposes to analyze how the participation of national paratroopers in the Paralympic Games was portrayed in three Brazilian daily newspapers (through the contribution of Norbert Elias and Pierre Bourdieu) to the production of two of Brazil's leading generalist newspapers (Folha de S. Paulo and O Globo), and the production of the largest national sports newspaper (Lance!).

The research sought to investigate how these vehicles operated the levels of clipping and reconstruction of the sports suit, in view of the performance of national athletes with disabilities in the midst of the main competition of parathletes worldwide. Our intention was to verify the discursive formations put in march by the newspapers listed in our corpus when noticing the sporting events.

We hypothesize that one of the trends in journalistic vehicles is to perpetuate certain stigmas and stereotypes involving the disabled person - something perceived in similar coverage on previous editions of the Paralympic Games. This vision causes a pendulum that oscillates between the representation of the athlete and as a hero, capable of promoting the overcoming and celebration



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

of humanity, or as an individual whom one looks at with compassion and strangeness, highlighting the difference with that sportsman who is not deficient.

Keywords

Paralympic Games; athlete with disabilities; Brazilian press.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

1) Introdução

De 5 a 21 de agosto de 2016, parte dos meios de comunicação e do mercado de anunciantes no Brasil voltou suas atenções para a realização dos XXXI Jogos Olímpicos de verão da era moderna, ou simplesmente os *Jogos Olímpicos Rio 2016*, que pela primeira vez tiveram como sede uma cidade da América do Sul, o Rio de Janeiro. A nova dimensão alcançada pelas Olimpíadas desde o final do Século XX trouxe também a reboque outra competição que lhe sucede desde os anos de 1960: trata-se dos Jogos Paralímpicos⁴, que em 2016 aconteceram de 7 a 18 de setembro, também na cidade do Rio de Janeiro, envolvendo atletas com algum tipo de deficiência.

A partir deste novo cenário, este trabalho propõe-se a analisar como foi retratada em dois jornais generalistas brasileiros (*Folha de S. Paulo* e *O Globo*) a participação dos atletas com deficiência nos Jogos Paralímpicos de 2016 realizados no Rio de Janeiro, a partir das imagens publicadas nestes dois jornais. Partimos da hipótese de que uma das tendências dos veículos jornalísticos é a de continuar perpetuando certos estigmas e estereótipos que envolvem a pessoa com deficiência – algo que se percebe na cobertura similar durante as edições anteriores dos Jogos Paralímpicos.

Nessa abordagem, temos um pêndulo que varia entre a representação do atleta como um herói, capaz de promover a resistência e a celebração da humanidade, ou como um indivíduo a quem olhamos com compaixão, ressaltando a diferença desse esportista com aquele que não é deficiente.

Um de nossos objetivos com esta investigação acena, portanto, para a importância de se democratizar a comunicação hegemônica, problematizando as formas que a imprensa utiliza para retratar a pessoa com deficiência e fazendo emergir uma postura mais cidadã por parte dos meios de comunicação.

⁴ Entidades esportivas brasileiras, a partir de orientação do Comitê Paralímpico Internacional, passaram a adotar o termo “Paralímpico” desde novembro de 2011. Outros órgãos governamentais optaram por manter o uso do termo “Paraolímpico” (Guia Escolar Paralímpico: 2014, p. 4.). Apesar de considerarmos o termo “Paraolímpico” mais afeito à língua portuguesa, daremos preferência ao emprego de “Paralímpico”, uma vez que se trata do nome oficial do evento e seu uso tem sido difundido de forma majoritária pelos meios de comunicação brasileiros e portugueses.



XXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

2) Jogos Paralímpicos: breve histórico

Quando falamos de Jogos Olímpicos ou de Mundial de Futebol, estamos diante não apenas de eventos, mas sim de “megaeventos”, cuja definição vem ganhando nuances particulares nos últimos anos, em função da dimensão e das características que esses torneios ganharam a partir da segunda metade do Século XX. Para Allen (2008), megaeventos são aqueles cuja magnitude afeta economias inteiras e repercute na mídia global. Como exemplo, ele cita Olimpíadas e Feiras Mundiais. Outro pesquisador da área de turismo, Hall (1992), caracteriza também os Mundiais de Futebol FIFA como exemplo de megaeventos. Em todos os casos, teríamos eventos direcionados para o turismo internacional e que poderiam receber o radical grego “mega” em virtude da grandiosidade de público, dos recursos investidos (públicos e privados), do comprometimento político de governos, da cobertura midiática, da construção de arenas esportivas (estádios, ginásios, pistas etc.) e do impacto socioeconômico sobre a comunidade anfitriã.

Por outro lado, um megaevento esportivo supõe, na mesma medida, uma megacobertura midiática. A esse respeito, o antropólogo francês Daniel Dayan e o sociólogo norte-americano Elihu Katz (1994) publicaram um trabalho sobre os grandes eventos televisados, os quais eles preferiram chamar de “eventos midiáticos”: aqueles que empregariam a potência eletrônica dos meios de comunicação para atrair a atenção mundial e contar simultaneamente uma história. Esses eventos promoveriam um “convite ao rompimento da rotina diária” e um convite à união em torno de uma “experiência festiva”. A diferença mais óbvia entre os “eventos midiáticos” e as demais fórmulas genéricas televisivas é que os primeiros não são rotineiros, mas sim uma interrupção do cotidiano feita de maneira monopolística, pois qualquer emissora estará dedicada a falar do mesmo assunto. Além disso, os “eventos midiáticos” seriam sempre transmitidos ao vivo e planejados previamente, apesar de seu elemento de imprevisibilidade. Por fim, tais eventos promoveriam “ocasiões cerimoniais”, nas quais se conjugaria um tratamento estilístico reverente e protocolar, como se o público fosse transportado para o “centro sagrado de nossa sociedade”. (Dayan y Katz, 1994: 334 – apud Cascale Ramos; Sánchez Dorado: 2008, p. 17).

Deste modo, percebemos que os “eventos midiáticos” esportivos, tais quais os Jogos Olímpicos, passaram a exigir cada vez mais atenção e investimentos dos meios de comunicação



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

para “contar uma história”, por um lado, e a acompanhar uma crescente sofisticação e mercantilização da própria atividade esportiva, por outro. Os Jogos Paralímpicos inserem-se nessa mesma lógica, qual seja, a de propiciar diversas histórias e enredos para serem contados, recontados e relatados pelos diferentes suportes comunicacionais.

No caso específico das Paralimpíadas, cabe ressaltar que até o início do Século XX uma pequena parcela de pessoas com deficiência era reeducada por meio do esporte. É somente com a Primeira Guerra Mundial (1914–1918) e principalmente com a Segunda Guerra Mundial (1939–1945) que surgem as primeiras estruturas para a prática física de mutilados em combate. Coube ao neurologista alemão Ludwig Guttman (1899–1980) o pioneirismo de iniciar um trabalho que, mais tarde, viria a originar os atuais Jogos Paralímpicos (GUTTMANN, 1976; THOMAS & SMITH, 2009): por volta de 1945, ele passou a chefiar uma equipe médica no hospital de Stocke Mandeville, nas cercanias de Londres (Inglaterra), para cuidar dos feridos na coluna vertebral, especialmente aviadores da Real Força Aérea que se tornaram paraplégicos em combate. Um dos métodos estabelecidos pelo Dr. Guttman para a reeducação corporal dos militares supunha a realização de jogos esportivos, a fim de entreter os pacientes e, ao mesmo tempo, forçá-los a realizar alguma atividade física (GUTTMANN, 1976; THOMAS & SMITH, 2009).

Com a realização dos Jogos Olímpicos de Londres em 1948, o Dr. Guttman decidiu organizar paralelamente um evento esportivo para os pacientes com deficiência que usavam cadeiras de rodas. Três anos mais tarde, ele criou os “Jogos Internacionais de Stocke-Mandeville” e começou a divulgar em todo o mundo a necessidade da atividade esportiva para a reabilitação física do paciente com deficiência. Os esforços do médico alemão foram premiados em 1960, com a organização em Roma dos primeiros Jogos Paralímpicos da história, logo após a realização dos Jogos Olímpicos de Verão também na capital italiana. A partir desse ano, os Jogos Paralímpicos passaram a ocorrer sempre imediatamente após os Jogos Olímpicos. Entretanto, apenas a partir de 1992, em Barcelona (Espanha), as Paralimpíadas passaram a ocupar as mesmas instalações esportivas utilizadas pelos atletas olímpicos. De 1968 a 1984, por exemplo, enquanto os Jogos Olímpicos tiveram lugar na Cidade do México (México, 1968), Munique (Alemanha, 1972), Montreal (Canadá, 1976), Moscou (então União Soviética, 1980) e Los Angeles (Estados Unidos,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

1984), os Jogos Paralímpicos aconteceram em Tel Aviv (Israel, 1968), Heidelberg (Alemanha, 1972), Toronto (Canadá, 1976), Arnhem (Holanda, 1980) e Stoke Mandeville (Inglaterra, 1984) e Nova Iorque (Estados Unidos), respectivamente.

O crescimento dos Jogos Paralímpicos, a partir de 1960, tem sido notável. Em 1960, em Roma, cerca de 300 atletas de 10 países estiveram presentes. Quarenta anos mais tarde, nos Jogos de Sidney (Austrália), já se contabilizava a presença de cerca de 5 mil atletas, representando 124 países. E se em sua origem a iniciativa do Dr. Gutmann tinha a ver primordialmente com pessoas em cadeira de rodas, ao longo dos anos os Jogos Paralímpicos passaram a incluir também indivíduos amputados, com deficiência visual, motora e cerebral.

3) Cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos e metodologia de pesquisa

Diversos estudos realizados no Brasil, na Espanha, em Portugal e na França têm colocado em debate o tipo de cobertura que os meios de comunicação põem em prática por ocasião dos Jogos Paralímpicos (HILGEMBERG, 2013; NOVAIS & FIGUEIREDO, 2010; PAPPOUS et al., 2009; PEREIRA et al., 2011; PAILLETTE et al., 2002). Tais estudos são quase unânimes em destacar as impropriedades ou desajustes praticados pelos veículos midiáticos, desacostumados com a prática cotidiana de reconstrução de eventos esportivos nos quais estão presentes pessoas com deficiência. No estudo sobre a midiatização das Paralimpíadas na televisão francesa, Sylvain Paillette (2002) aponta de maneira bastante apropriada o dilema que se instala junto aos órgãos de imprensa e às emissoras de rádio e TV: esses eventos colocam em cena atores que possuem uma característica dupla:

D'une part, ils participent à une pratique sportive de haut niveau; d'autre part, ils sont atteints d'une déficience. Quelles logiques peut-on identifier dans la médiatisation d'un événement de cette nature, qui est à la fois un événement sportif de haut niveau et un événement qui concerne des personnes handicapées? (PAILLETTE, 2002, p. 185).⁵

⁵ “Por um lado, eles participam de uma prática esportiva de alto nível; por outro lado, possuem uma deficiência. Que lógicas podemos identificar na midiatização de um evento desta natureza, que é ao mesmo



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nosso intuito foi o de verificar se os meios de comunicação brasileiros perpetuaram, nos Jogos Paralímpicos de 2016, a utilização das mesmas lógicas de cobertura midiática que eles empregam nos demais eventos esportivos de atletas sem deficiência, deixando de levar em conta, assim, as especificidades dos atores que entram em cena em um e em outro caso. O fato de o Brasil sediar os dois eventos de forma contígua (Jogos Olímpicos de Verão em agosto e os Jogos Paralímpicos em setembro de 2016 no Rio de Janeiro) deveria oferecer-nos como hipótese a ideia de que os meios de comunicação brasileiros estariam mais atentos e preocupados com as particularidades e os públicos dessas duas competições.

Por outro lado, importa verificar se as Paralimpíadas de 2016 obedeceram a uma lógica de cobertura esportiva ou a uma lógica de cobertura social de inclusão da pessoa com deficiência. Desta forma, acreditamos que este trabalho poderá colaborar com a literatura científica sobre a cobertura de Jogos Paralímpicos, na medida em que dados e análises serão atualizados em função de um elemento inédito: a organização desse tipo de megaevento em solo brasileiro, diante dos meios de comunicação nacionais, que em tese não poderão alegar dificuldades de cobertura, como sói acontecer quando as competições acontecem em países e realidades distantes.

A metodologia utilizada no presente trabalho foi prioritariamente qualitativa, baseando-se em leitura bibliográfica de obras literárias, de textos conceituais e dos textos do corpus selecionado, utilizando-se a Análise do Discurso de linha francesa que por si só já estabelece uma forma própria de reflexão sobre o objeto (ORLANDI, 1997, 2001; BRANDÃO, s/d). Surgida na França, a AD representava uma tentativa de suprir as insuficiências da análise de conteúdo praticada nas ciências humanas e que se ocupava apenas da projeção de uma realidade extradiscursiva, não levando em conta as articulações linguísticas e textuais da obra. A Análise do Discurso, por sua vez, preocupou-se logo em fazer uma análise textual, realçando o modo de funcionamento linguístico-textual dos discursos (PÊCHEUX, 1990; DUCROT, 1987), especialmente os ligados à publicidade e ao jornalismo.

tempo um evento esportivo de alto nível e um evento que envolve pessoas com deficiência?" (Tradução nossa).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em sua gênese, a AD de linha francesa originou-se de três práticas notadamente europeias: a da tradição filológica; a da explicação de textos como exercício de leitura (comum no aparelho escolar francês); e a do estruturalismo. O pensamento dominante nesse momento é o de Louis Althusser (que procedeu a uma releitura das ideias marxistas), por meio dos estudos de Michel Pêcheux. Este concebe uma nova teoria do discurso que serviria, assim, para dar conta daqueles estudos que procuravam ver, na linguagem, um lugar privilegiado de materialização da ideologia. Esse objeto complexo que é a linguagem passa a ser concebido não apenas em seu componente linguístico, mas também em seu componente sócio-ideológico.

4) Resultados

O trabalho pedagógico realizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) nos meses que antecederam os Jogos Paralímpicos promoveu resultados satisfatórios. Entre vários materiais distribuídos aos meios de comunicação, chamamos a atenção para o “Guia para a mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos”, de Athanasios Sakis Pappous e Doralice Lange de Souza (2016), que procura lutar contra a perpetuação dos preconceitos que cercam a imagem do paratleta. Nesse “Guia para a Mídia” divulgado pelo CPB (**Figura 1**), destacam-se algumas orientações para os jornalistas: colocar em primeiro lugar o atleta e não a sua deficiência, destacando suas habilidades e seu nome; priorizar os feitos dos atletas e não suas deficiências; não hiperbolizar os aspectos da derrota ou do fracasso do paratleta. Os autores listam também os termos que deveriam ser evitados, como “deficiente”, “aleijado”, “paralisado” e “inválido”, que poderiam ser substituídos simplesmente por “atleta”, “atleta com deficiência” ou “atleta com...” (citando-se o tipo da deficiência).

No que diz respeito aos registros fotográficos o material desenvolvido por Pappous e De Souza (2016) elenca o que deveria ser evitado: poses passivas que enfatizam a deficiência; fotos que denunciam falhas dos paratletas; fotos que retratam os atletas em suposta condição de isolamento ou tristeza; fotos que escondam as deficiências; fotos que dão enfoque excessivo à deficiência. Em contrapartida, os registros fotográficos deveriam retratar os atletas dentro do campo de competição, em ação, portando roupas esportivas, não se escondendo nem se enfatizando a deficiência.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



ATHANASIOS (SAKIS) PAPPOUS e DORALICE LANGE DE SOUZA



Figura 1: Capa de material divulgado pelo CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro).

Acreditamos que as iniciativas do CPB possam ter influenciado o trabalho dos dois jornais aqui analisados. À semelhança do jornal *O Globo*, a *Folha de S. Paulo* também manteve um registro discursivo respeitoso, salvo algumas exceções de registros fotográficos, como veremos a seguir.

O jornal *O Globo* foi fundado em 1925 no Rio de Janeiro e, desde cedo, sempre se mostrou ligado à cultura de massa e às manifestações populares da cidade. Atualmente, situa-se entre o



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

segundo mais vendido do país em 2014 e 2015 ⁶. Durante a realização dos Jogos Paralímpicos de 2016, de 7 a 18 de setembro, a cobertura do evento recebeu um caderno especial de seis páginas diárias. No dia da abertura da competição (7 de setembro de 2016), o jornal apresentou um caderno de oito páginas. Após a realização dos Jogos Paralímpicos, *O Globo* ainda publicou um caderno especial de oito páginas no dia 21 de setembro, com o balanço da cobertura numa coprodução com o jornal alemão Tagesspiegel. Já no dia 23 de setembro, outro caderno com oito páginas fazia novo balanço do evento, fazendo-se um retrospecto da competição e do chamado legado deixado para a cidade no que diz respeito às instalações esportivas e à conscientização com relação à situação da pessoa com deficiência.

No caso de *O Globo*, alguns casos fortuitos nos chamam a atenção, como estas oito imagens que analisamos a seguir, quatro delas trazendo como destaque o nadador brasileiro Daniel Dias, que nos Jogos de 2016 se tornou o nadador com o maior número de medalhas em Paralímpiadas (24 no total). A primeira imagem (**Figura 2**), ainda que apresente o nadador em ação em seu próprio ambiente competitivo, foca com grande realce seu braço direito. O atleta nasceu com uma má formação congênita nos dois braços e na perna direita, e a seleção desta imagem (dentre centenas de outras de que o jornal dispõe) torna-se ainda mais discutível quando vemos que ela se refere aos Jogos Paralímpicos de Londres 2012, como descrito na legenda (“Daniel Dias na final dos 100m livres em Londres:...”):

⁶ Dados de 2015 consolidados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC) e publicados pela Associação Nacional de Jornais em <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em 10 set. 2017. Não há dados consolidados referentes a 2016.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

6 | Jornal Paralímpico | Quarta-feira 7.9.2016



Daniel Dias na final dos 100m livres em Londres; o nadador foi responsável por seis das 21 medalhas de ouro conquistadas há quatro anos que levaram o Brasil à 7ª posição geral, melhor colocação do país na história nos Jogos Paralímpicos

Figura 2: *O Globo*, 07/09/2016, pág. 6 – Jornal Paralímpico.

Registro semelhante é o que encontramos na capa de *O Globo* no dia 18 de setembro (**Figura 3**), com nova foto a dar destaque para o braço direito do nadador, em movimento numa prova de nado costas. Enquanto a manchete do jornal procura louvar “o dia de glória” do nadador ao apontar as duas medalhas obtidas por Daniel Dias na véspera (uma de bronze e uma de ouro, o que o alçou à condição de recordista paraolímpico na natação), a imagem enfoca novamente o braço com má formação congênita.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Absoluto. Daniel Dias venceu ontem a prova dos 100m nado livre para limitações motoras e nadou costas na última final do dia no Estádio Aquático, o 4x100m, em que o Brasil levou o bronze

RIO2016 PARALIMPÍADA

O dia da glória de Daniel Dias

Após conquistar o bronze no 4x100m e o ouro nos 100m livre S5, Daniel Dias se tornou o maior nome da natação masculina paralímpica, com o recorde de 24 medalhas. Clodoaldo Silva se despediu das piscinas.

Futebol de 5 do Brasil é tetracampeão

Iraniano morre no ciclismo de estrada

Vem do Sul o ouro que reluz nos Jogos

EXCLUSIVO O metal das medalhas mais cobiçadas por atletas olímpicos e paralímpicos sai de uma mina no Paraná, revela CAIO BARRETO BRISO. CADERNO ESPECIAL

Figura 3: *O Globo*, 18/09/2016, Capa.

Se estes dois exemplos podem não representar o reforço do estigma e o foco excessivo na deficiência, o mesmo não nos parece ocorrer no registro de Daniel Dias ao lado de um quadro de medalhas (**Figura 4**), em que a imagem do nadador aparece recortada, com o braço esquerdo elevado – algo que destaca por demais sua má formação congênita:

QUADRO DE MEDALHAS

País	Ouro	Prata	Bronze	Total	País	Ouro	Prata	Bronze	Total	País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1 China	7	9	4	20	17 Holanda	1	3	5	9	122 Quênia	1	0	1	2
2 Grã-Bretanha	5	3	3	11	18 Alemanha	1	2	0	3	123 Nova Zelândia	1	0	1	2
3 Uzbequistão	3	2	3	8	19 Ucrânia	1	1	7	9	124 Turquia	1	0	1	2
4 Estados Unidos	2	4	2	8	20 Austrália	1	1	2	4	125 Bielorrússia	1	0	0	1
5 Brasil	2	1	1	4	21 Espanha	1	1	0	2	126 França	1	0	0	1
6 Coreia do Sul	2	0	1	3	22 Grécia	1	0	1	2	127 Kazajquistão	1	0	0	1



Dias de Daniel.
Nadador foi ouro nos 200m livre

MARKELO THEOBALD

Figura 4: *O Globo*, 09/09/2016, pág. 1 – Rio 2016 Paralimpíada.

Por último, no caso de Daniel Dias, temos a imagem em que ele aparece ao lado de outros dois nadadores da equipe de revezamento do Brasil (**Figura 5**). O que destoa aqui é o fato de os três



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

atletas aparecerem com os rostos total ou parcialmente encobertos, de forma que é difícil inclusive identificá-los a partir da informação da legenda da foto.

Um por todos, todos por Dias

Revezamento do Brasil ganha prata e deixa ídolo perto de recorde mundial de pódios paralímpicos em natação

GIAN AMATO
gian.amato@oglobo.com.br

De esporte solitário a solidário. No revezamento, os nadadores dividem a raia e unem objetivos, mesmo que eles sejam individuais. Kirtos na prova do 4x100m livre masculino 34 pontos, os nadadores nacionais ganharam mais que a medalha de prata contem: ajudaram Daniel Dias, maior medalhista paralímpico brasileiro, a se aproximar do recorde de pódios e passar a ser o recordista mundi-



Solidariedade. Daniel Dias, André Brasil, Rulter Silva se abraçam após a conquista do ouro. Herói da prova, Felipe Rodrigues passou mal depois do sprint e não pôde comemorar

Figura 5: *O Globo*, 15/09/2016, pág. 5 – Rio 2016 Paralimpíada.

Para além destes registros discutíveis do nadador Daniel Dias (principal atleta brasileiro dos Jogos Paralímpicos para a imprensa em virtude da “decepção” de vários paratletas no atletismo), dois registros do jornal no dia 10 de setembro são evitáveis: um deles refere-se ao destaque excessivo dado à noção de tombos e trombada nas modalidades com uso de cadeiras de rodas, como é o caso do basquete (**Figura 6**), na seção “De olho no detalhe”:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Figura 6: *O Globo*, 10/09/2016, pág. 6 – Rio 2016 Paralimpíada.

Quem acompanha minimamente o basquete paraolímpico sabe o quanto choques com cadeiras de rodas são comuns e corriqueiros, assim como as quedas dos atletas. Trata-se de uma condição inerente ao próprio basquete adaptado. Não se compreende, assim, por que o jornal prefere chamar tal característica de “risco” (“Nos jogos de basquete, há risco de choques e quedas”). Há choques e quedas, lógico, mas estes não deveriam ser precedidos pela ideia de risco, o que denota uma condição danosa para a própria prática da modalidade.

Notícia igualmente provocadora de estigma é a que destaca “O adeus do faraó do tênis de mesa”, em referência ao mesatenista Ibrahim Hamadtou (**Figura 7**). Deduzimos, pela chamada, que Hamadtou seja egípcio – embora a nota não informe sua nacionalidade, mas apenas que ele se tornou campeão africano. A condição distintiva do atleta é o fato de ele ser o único competidor que não tem braços na disputa do tênis de mesa. Entretanto, a posição da bola à frente do olho direito do jogador intensifica o sentido da deficiência: se não bastasse o fato de segurar a raquete com a boca, tem-se a impressão de que há ainda uma deficiência visual. Por fim, a menção ao adeus do “faraó”, em que pese a nobreza da referência, remete-nos igualmente para uma condição tumular, como se a eliminação representasse o fim da linha para ele (não à toa, o texto ainda afirma que ele tinha “sua última chance de avançar no torneio de simples da classe S6, para severas limitações motoras” – grifo nosso):



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Sábado 10.9.2016

RIO2016
PARALIMPIADA

o GLOBO | 3

Tênis em cadeira de rodas

DANIEL ARRASA CHILENO E ENCARA JAPONÊS DE OURO

Com dois títulos em 2016 (Indian Wells e Copa Bahia), o mineiro Daniel Rodrigues, principal tenista paralímpico do país (número 18 do mundo), despachou o chileno Robinson Mendez por 2 sets a 0 (5/0 e 6/4), outsm, no Centro Olímpico de tênis, no Parque Olímpico, na Barra. Na segunda rodada, ele vai encarar uma pedreira: o japonês Shingo Kunieda, ouro em Pequim-2008 e em Londres-2012, e atual sexto colocado no ranking.

Vôlei sentado

BRASIL ESTREIA COM VITÓRIA DUPLA

Um duplo 3 a 0 marcou a estreia do Brasil no vôlei sentado. No feminino, a vitória sobre o Canadá foi arrasadora: parciais de 25/7, 25/12 e 25/14. No masculino, a vitória sobre os EUA também veio com facilidade: 25/14, 25/17 e 25/14. Hoje é dia de folga. As duas seleções voltam à quadra do pavilhão 6 do Riocentro amanhã. Os homens enfrentarão o Egito, às 10h. Já as mulheres terão pela frente a Ucrânia, às 20h30m.

Olha isso

O ADEUS DO FARAÓ DO TÊNIS DE MESA

Ibrahim Hamadtou é o único mesatenista da Paralimpíada que não tem os braços. Levanta a bola com o pé antes de sacar e segura a raquete com a boca e se tornou campeão africano desse jeito. Tinha ontem sua última chance de avançar no torneio de simples da classe S6, para severas limitações motoras, contra o alemão Thomas Rau, que empunha raquete com um braço. Perdeu por 3 a 0, parciais de 11/4, 11/6 e 11/4. Ninguém se esquecerá dele.



Incrível. Hamadtou marcou 14 pontos jogando assim

Figura 7: *O Globo*, 10/09/2016, pág. 3 – Rio 2016 Paralimpíada.

Julgamos igualmente equivocada a criação do jornal *O Globo* da seção “É ouro” ao lado da seção “Queimou”, em que atletas ou fatos da véspera ganham a primazia de serem louvados com uma seta para cima (no primeiro caso) ou menosprezados com uma seta para baixo (no segundo). A própria escolha semântica do “Queimou” em oposição ao “É ouro” parece-nos infeliz, uma vez que uma derrota ou um equívoco no esporte fazem parte da própria natureza agonística de uma competição deste tipo. Na edição do dia 12 de setembro, por exemplo, foi selecionada para a seção “Queimou” a atleta Terezinha Guilhermina, “uma das estrelas do esporte paraolímpico brasileiro”, como refere o próprio diário. Ao fazer troça com a possibilidade de a corredora não conseguir disputar os Jogos de Tóquio em 2020, o jornal desdenha o currículo de Terezinha (presente em três paralimpíadas e oito mundiais):



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

2 | O GLOBO

RIO 2016 PARALIMPIADA

Segunda-feira 12.9.2016

↑ É OURO

Embora a competição seja séria e acirrada, têm sido normal na Parolimpíada a parceria entre competidores e o bom humor. Quando um saltador puxa as tradicionais palmas do público, os outros entram na onda e ajudam a marcar o ritmo para a prova do colega. Ontem, no Engenhão, o ambiente de camaradagem marcou a prova do arremesso de dardo na categoria F40/41, para



Só alegria. Kovan Abdulaheem

portadores de nanismo. A disputa acabou concentrada entre dois iraquianos, Kovan Abdulaheem e Wildan Nukhalawi, além do chinês Sun Pengxiang, e acabou em recorde mundial de Abdulaheem, com 42,85m. O público aplaudiu com fervor a disputa e a comemoração do campeão, que foi para a galera, dançou, brincou e plantou bananeira, na maior alegria.

↓ QUEIMOU

Uma das estrelas do esporte paralímpico brasileiro, Terezinha Guilhermina chega à semifinal dos 200m, na manhã de hoje, no Engenhão, sob pressão. Depois de ser desclassificada da final dos 100m, na sexta-feira, ela agora não garante que passará por um novo ciclo olímpico, rumo aos Jogos de Tóquio-2020. Dona de seis medalhas em



Terezinha. O futuro segue incerto

Paralimpíadas, Terezinha diz que a desclassificação — ela foi acusada de ter sido punida por seu guia, o que é proibido — é página virada e que o foco está nos 200m. — Vou avaliar se esta vai ser ou não a última Paralimpíada — disse ela. — A minha intenção quando eu cheguei aqui era ir até Tóquio. Eu corro há 16 anos, já estive em três Paralimpíadas e cinco olto, nove Mundiais, e nunca fui desclassificada.

Figura 8: O Globo, 12/09/2016, pág. 2 – Rio 2016 Parolimpíada.

Outro registro irônico e talvez dispensável foi o destinado a Alan Fonteles (Figura 9):

O peso de ser um ídolo

Alan Fonteles se despede do Rio com prata no revezamento, que não apaga a decepção



Como Kevin em Viena Costa... **Ele acredita que não precisa**... **uma das estrelas do esporte**... **Paralimpíadas, Terezinha diz**... **que a desclassificação**... **ela foi acusada de ter sido punida**... **por seu guia, o que é proibido**... **— é página virada e que o foco**... **está nos 200m.**... **— Vou avaliar se esta vai ser**... **ou não a última Paralimpíada**... **— disse ela.**... **— A minha intenção**... **quando eu cheguei aqui era ir**... **até Tóquio. Eu corro há 16 anos,**... **já estive em três Paralimpíadas**... **e cinco olto, nove Mundiais,**... **e nunca fui desclassificada.**

Figura 9: O Globo, 13/09/2016, pág. 6 – Rio 2016 Parolimpíada.

Fonteles despontou nos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, quando superou o favorito sul-africano Oscar Pistorius nos 200 metros rasos do atletismo e conquistou a medalha de ouro para o Brasil. O corredor ainda ganharia outras três medalhas no Mundial de Lyon (França) em 2013. Em



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

seguida, desligou-se dos treinos e das competições, retornando de maneira surpreendente para a disputa dos Jogos de 2016, ainda que visivelmente acima do peso – daí a ironia do título da manchete “O peso de ser um ídolo”. A presença do atleta com uma expressão de desolação ou lamento intensifica ainda mais o registro disfórico de alguém de quem a imprensa brasileira esperava um desempenho diferente.

Se recolhemos oito exemplos que nos parecem equivocados ou menos felizes, cabe reportar que esse número é relativamente pequeno se lembramos que o jornal *O Globo* dedicou seis páginas diárias de cobertura dos Jogos Paralímpicos, ao longo de 12 dias. Em meio a estes possíveis tropeços aqui elencados, houve inúmeros acertos. Citaremos apenas dois, a título de exemplo. Um deles é o que envolve a capa do caderno Rio 2016 Paralimpíada do dia 10 de setembro, com destaque para a nadadora Susana Schnarndorf Ribeiro (**Figura 10**):



Figura 10: *O Globo*,
10/09/2016, pág. 1 – Rio
2016 Paralimpíada.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ainda que tenha dado preferência a retratar o perfil da atleta, de lado, o jornal enfatiza a conquista da nadadora com uma interjeição, um vocativo e uma exclamação (“Oh, Susana!”), referindo-se à conquista da medalha de prata no revezamento misto. Desde 2004, Susana convive com a Atrofia de Múltiplos Sistemas (MSA), uma doença degenerativa que limita gradualmente seu movimento e sua respiração, provocando uma queda contínua de desempenho em suas provas de natação. A presença da foto da atleta aliada a uma manchete incomum comunga-se numa homenagem que busca louvar a obtenção da medalha de prata.

Exemplo semelhante de opção por mostrar os atletas em ação, sem reforçar os estigmas da deficiência, é o que se vê na seção “De olho no detalhe” – já citada anteriormente por um aspecto inverso – do dia 12 de setembro. Aqui, nota-se a busca por aquilo que o pensador alemão Hans Ulrich Gumbrecht chamou de epifania no esporte e que pode ser experimentada nos três registros a seguir:

[a] aparição inesperada de um corpo no espaço, que de repente assume uma bela forma que se dissolve de maneira tão rápida e irreversível, pode ser encarada como uma espécie de epifania. Essas epifanias, acredito, são a fonte da alegria que sentimos ao assistir a um evento esportivo, e elas marcam a intensidade de nossa resposta estética. (GUMBRECHT: 2007, 46)

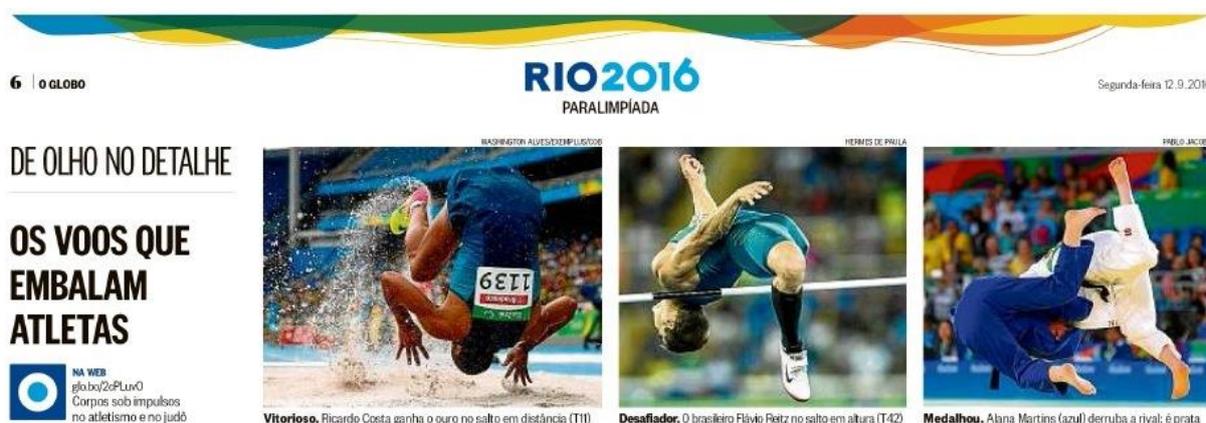


Figura 11: *O Globo*, 12/09/2016, pág. 6 – Rio 2016 Paralimpíada.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os “voos que embalam atletas” lembram-nos da falta de limites de que dispõe o corpo humano, irmanando competidores de diferentes modalidades no mesmo ideal competitivo.

A *Folha de S. Paulo*, por sua vez, tem uma história que remonta a 19 de fevereiro de 1921, quando foi criado na capital paulista o jornal *Folha da Noite*, preocupado em noticiar as deficiências dos serviços públicos. Em julho de 1925, o diário lançou sua edição matutina, com o nome de *Folha da Manhã*. Após 24 anos, surgiu a edição vespertina, intitulada *Folha da Tarde*, lançada em 1º de julho de 1949. Os três títulos da empresa se fundiram em 1º de janeiro de 1960, dando surgimento ao jornal *Folha de S. Paulo*, conhecido popularmente pelos leitores como *Folha*. Na década de 1980, fruto da modernização de seu parque gráfico, de grande investimento em marketing e de mudanças propostas por um novo projeto editorial, a *Folha* tornou-se o jornal de maior circulação no país. Recentemente, tem alternado a sua colocação no ranking de circulação de jornais impressos entre a primeira colocação (em 2012 e 2014), segunda (2013) e terceira (2015).⁷

Durante os Jogos Paralímpicos de 2016, no mesmo período de 7 a 18 de setembro de 2016, a *Folha* manteve uma média de 1 a 2 páginas para falar do evento. As exceções foram no dia seguinte à cerimônia de abertura (edição de 8 de setembro, com 3 páginas) e à cerimônia de encerramento (edição de 19 de setembro, com 6 páginas). À semelhança do que ocorreu com *O Globo*, o jornal paulista manteve uma cobertura equilibrada, à exceção de quatro registros fotográficos: um na edição da quarta-feira, 07/09/16, na página 2 – **Figura 12**; e três (**Figuras 13, 14 e 15**) na edição da segunda-feira, 19/09/2016 – dia seguinte ao encerramento da competição –, na página 6 do caderno especial “Rio 2016 Paraolimpíada”.

⁷ Conforme dados já citados de 2015 publicados pela Associação Nacional de Jornais (disponível em <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>). Acesso em 10 set. 2017.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



Figura 12: detalhe de recepção de paratletas na Vila Olímpica.

Folha de S. Paulo,
07/09/16, página 2 – Rio
2016 Paraolimpíada.

Na **Figura 12**, dá-se enfoque excessivo à deficiência ao se mostrar em primeiro plano dois atletas utilizando próteses nas pernas, algo que contrasta com as pernas dos atletas que aparecem em segundo plano – todos utilizando o mesmo modelo de tênis. Esse close na deficiência, descontextualizando o atleta da cena, não nos parece acrescentar grande interesse jornalístico para além do registro da diferença. A própria legenda da fotografia esforça-se em apagar o contraste, como se estivéssemos diante de uma imagem ordinária e comum: “Atletas em recepção na Vila Paraolímpica, na Barra; competições começam na quinta-feira (8)”.

As **Figuras 13 e 14**, igualmente, exageram no destaque da deficiência de dois nadadores. No caso do australiano Ahmed Kelly, ainda que o registro tenha sido feito no local da competição (a beira da piscina), chama-nos a atenção seu olhar perdido e o fato de se tratar de um atleta biamputado nas pernas e nos antebraços, reforçando e intensificando o efeito de desproteção e desamparo. O mesmo dá-se com o chinês Hong Yan, cuja fotografia retrata-o de costas e sem o registro de seu rosto, mas com grande enfoque ao antebraço amputado.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

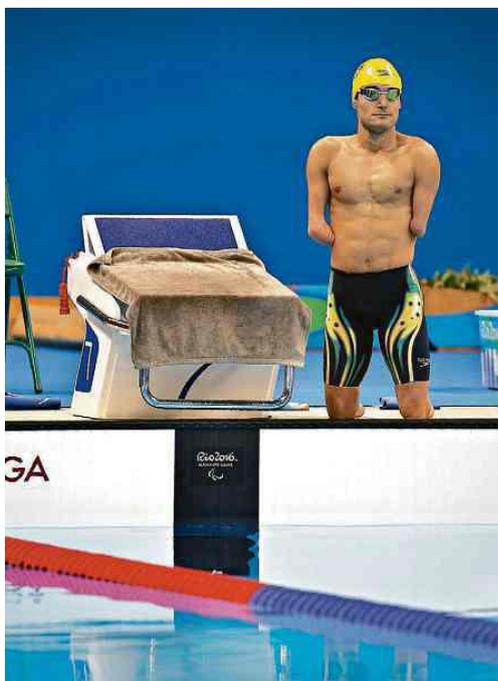


Figura 13

Legenda do jornal: “Acima, o australiano Ahmed Kelly se prepara para cair na piscina”.
Folha de S. Paulo, 19/09/16, página 6 – Rio 2016 Paraolimpíada.



Figura 14

Legenda do jornal: “ao lado, o chinês Hong Yang depois de competir na natação”.
Folha de S. Paulo, 19/09/16, página 6 – Rio 2016 Paraolimpíada.

Por último, destacamos a **Figura 15**, que traz a legenda: “O japonês Shinya Wada (à dir.) é consolado pelo guia, após o último lugar na final dos 1.500 m”. Tal registro, também com uma imagem que destaca a falha e o desconsolo de um atleta que sequer tem seu rosto apresentado, intensifica algo que é reprovado pelo Guia para a Mídia, divulgado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

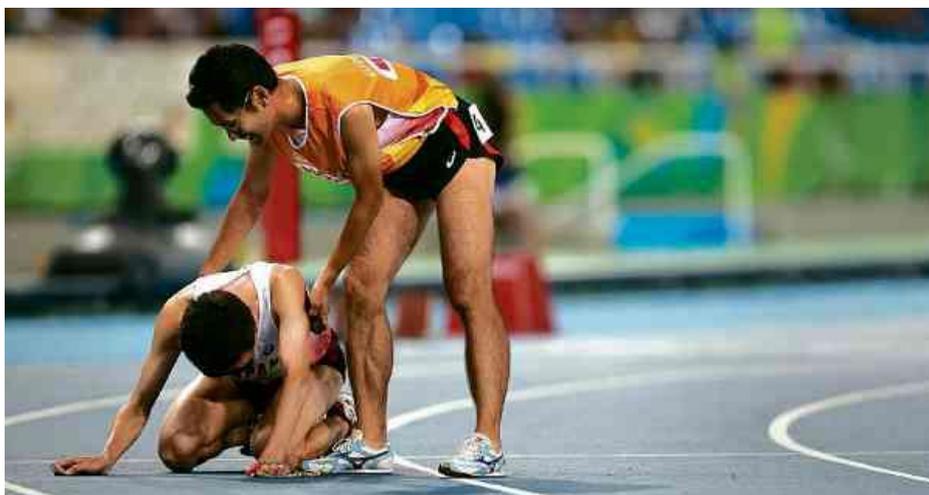


Figura 15: japonês Shinya Wada após a final dos 1.500 m.
Folha de S. Paulo, 19/09/16, página 6 – Rio 2016 Paraolimpíada.

Para além destes exemplos, o jornal *Folha S. Paulo* procurou, por meio de alguns textos assinados por colunistas (casos de Mariana Lajolo e “Corre, Petrúcio!”, de 16/09/16; e Mariliz Pereira Jorge e “Para-atletas não são super-heróis”, de 17/09/16), chamar a atenção para os estigmas e preconceitos que devem ser evitados ao se noticiar o esporte paraolímpico e a vida de pessoas com deficiência.

5) Considerações Finais

Os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* procuraram não perpetuar, nos Jogos Paralímpicos de 2016, a utilização das mesmas lógicas de cobertura midiática empregada nos demais eventos esportivos de atletas sem deficiência. O fato de o Brasil sediar os dois eventos de forma contígua (Jogos Olímpicos em agosto e Paralímpicos em setembro de 2016 no Rio de Janeiro) fez com que os meios de comunicação brasileiros estivessem mais atentos e preocupados com as particularidades e os públicos das duas competições. O resultado final é quase que satisfatório, uma vez que os dois veículos buscaram ressaltar, tanto no discurso verbal como no discurso visual, as conquistas e os resultados dos paratletas, em detrimento da derrota e da exploração da deficiência. Evitou-se, assim, a representação do atleta com deficiência como um herói, capaz de promover a superação da



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

humanidade, ou como um indivíduo a quem se olha com compaixão e estranheza, em função de sua deficiência.

As exceções a esta lógica de cobertura ocorreram no registro imagético que procuramos recolher aqui, ao listarmos fotografias e respectivos textos que poderiam ser evitados, já que intensificam o efeito de sentido que se quer apagar no tratamento da pessoa com deficiência, ou seja, o enfoque excessivo na própria deficiência ou na falha do corpo com deficiência, e o destaque para a ideia de vulnerabilidade do paratleta.

O trabalho realizado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro também colaborou para que a imprensa brasileira, ao menos no caso dos dois jornais aqui analisados, invertesse a lógica das coberturas anteriores, ainda que com um volume de notícias muito pequeno, levando-se em conta o fato de que o evento desenvolveu-se no Brasil. É de se esperar que as futuras coberturas jornalísticas, além de manterem uma representação digna do atleta com deficiência, possam incrementar o volume de matérias e de conteúdo sobre os Jogos Paralímpicos, competição em que o Brasil tem alcançado resultados expressivos nas últimas edições.

6) Referências Bibliográficas

ALLEN, Johnny et al. Organização e gestão de eventos. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2008.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. 7ª ed., Campinas (SP), Editora da Unicamp, s/d.

CASCALE RAMOS, Antonio; SÁNCHEZ DORADO, Julia. Olimpiadas y choque de culturas. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2008.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. "Defining Media Events: high holidays of mass communication". In NEWCOMB, H (ed.). Television, the critical view. New York: Oxford University Press, 1994.

DUCROT, Oswald. O dizer do dito. Campinas, Pontes, 1987.

GUIA ESCOLAR PARALÍMPICO (2014). Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. Disponível em <http://rio2016.com/educação>. Acesso em 20 abr. 2016.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Elogio da beleza atlética. Tradução: Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTTMANN, Ludwig. Le sport pour les handicapés physiques. UNESCO, Paris: 1976.

HALL, C. M. Hallmark tourist events: impacts, management & planning. Londres: Belhaven Press, 1992.

HILGEMBERG, Tatiane. “Representação midiática do atleta com deficiência na mídia brasileira e portuguesa: do coitadinho a super-herói”. In: Anais XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus (AM): 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1754-1.pdf>. Acesso em: 20 Abr. 2016.

MARQUES, José Carlos. “Teoria ou prática”? O movimento pendular dos cursos de comunicação no Brasil e a abordagem do esporte”. Em Revista Atos de Pesquisa em Educação, v. 8, n. 1, 2013.

NOVAIS, Rui Alexandre; FIGUEIREDO, Tatiane Hilgemberg. “A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal”. In Revista Logos – Comunicação e Esporte. Vol.17, Nº 02. Rio de Janeiro: 2º semestre 2010.

ORLANDI, Eni. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, Pontes, 2001.

_____ (org.). Gestos de leitura: da história no discurso. 2ª ed., Campinas, Ed. Unicamp, 1997.

PAILLETTE, Sylvain et al. “La médiatisation des Jeux Paralympiques à la télévision française”. Les Cahiers du Journalisme. Nº 11, décembre 2002.

PÊCHEUX, Michel. “Análise automática do discurso”, (1969), in GADET, F. & HAK, T. Por uma análise automática do discurso. Campinas: Unicamp, 1990.

PAPPOUS, A. et al. “La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación”. In Agora para la Educación Física y el Deporte, nº 9. Valladolid: 2009.

PEREIRA, Ana Luísa et al. “A visibilidade da deficiência: uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos”. In Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol. XXII. Porto: 2011.

RIUS SANCHIS, Inma; SOLVES ALMELA, José Antonio. “Discapacidad y comunicación: periodismo especializado para públicos diversos”. In Revista Comunicación y Hombre, Número 6. Madrid: Universidad Francisco Vitória, 2010.

RODRIGUES MARQUES, Renato Francisco et al. “A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico: o ponto de vista de atletas brasileiros”. In Revista Movimento: Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 989-1015, jul./set. de 2014.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

_____ et al. “Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro”. In Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo: Out-Dez 2013.

RUIZ, Stevens. “Deporte paralímpico: una mirada hacia el futuro”. In Revista U.D.C.A Actualidad & Divulgación Científica. Vol. 15. (Supl. Olimpismo), Bogotá: 2012.

THOMAS, N.; SMITH, A. Disability, sport and society – an introduction. Nova York: Routledge, 2009.